

A informalidade é um fenômeno exclusivamente brasileiro?

Estudo da OCDE fez uma investigação profunda da informalidade pelo mundo.

A atividade industrial gaúcha iniciou segundo semestre em queda

A atividade industrial gaúcha em 2019 é marcada pelo desempenho desigual entre os setores.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

A informalidade é um fenômeno exclusivamente brasileiro?

Estudo da OCDE fez uma investigação profunda da informalidade pelo mundo.

O aumento da informalidade da mão de obra é parte da herança deixada pela última recessão. Os dados da PNAD Contínua, divulgados recentemente pelo IBGE, mostraram que a taxa de informalidade atingiu 44,0% da população ocupada do Brasil no trimestre encerrado em julho de 2019, nível recorde desde o último trimestre de 2015, período em que o IBGE começou a divulgar com mais detalhes os dados do mercado informal. Há um ano, a taxa de informalidade era de 43,2% e no final de 2015 atingia 41,2% dos ocupados.

No total, são 41,2 milhões de pessoas ocupadas no mercado informal, sendo 19,4 milhões (47%) de trabalhadores por conta própria sem CNPJ, 11,7 milhões (28%) de empregados no setor privado sem carteira, 4,5 milhões (11%) de trabalhadores domésticos sem carteira, 2,5 milhões (6%) de trabalhadores no setor público sem carteira, 2,2 milhões (5%) como trabalhador familiar auxiliar e 850 mil (2%) de empregadores sem CNPJ.

Por conta da elevação nos últimos anos, a informalidade é um dos temas em evidência nas discussões sobre o mercado de trabalho brasileiro. Mas, afinal, a informalidade é um fenômeno exclusivamente brasileiro?

Um estudo publicado pela OCDE em maio de 2019 fez uma investigação profunda da informalidade pelo mundo ([clique aqui para acessar](#)). Duas grandes bases de dados subsidiaram o trabalho: uma da OIT com informações de 119 países e uma nova base construída pela OCDE com dados mais detalhados de 27 países, denominada *Key Indicators of Informality based on Individuals and their Household* (KIIBIH).

Os resultados apontam que a maioria da população ocupada no mundo está em empregos informais: são 2 bilhões de pessoas nessa condição, representando 61% da população empregada no mundo. A informalidade ocorre em todas as formas de ocupação e, globalmente, inclui 4 a cada 5 trabalhadores por conta-própria, 1 a cada 2 empregadores, 2 a cada 5 empregados e todos os ocupados como trabalhador familiar auxiliar (considerados informais por definição).

O relatório também revela que a informalidade tem uma presença forte nas áreas rurais, com cerca de 3 a cada 5 trabalhadores informais vivendo nessas áreas. Em decorrência disso, a Agricultura é o setor de atividade mais exposto: cerca de 94% de seus trabalhadores são informais, taxa muito acima da Indústria que tem 57% de seus trabalhadores nessa condição.

Apesar de ser um fenômeno global, a informalidade se manifesta de maneira diversa entre regiões e países de diferentes níveis de desenvolvimento, representando 70% dos empregos nos países em desenvolvimento e emergentes, ao passo que a taxa cai para 18% nos

países desenvolvidos. Há também uma variação substancial entre regiões, com o percentual atingindo 86% dos trabalhadores da África, por volta de 68% nos países da Liga Árabe, Ásia e Pacífico, 40% nas Américas e 25% na Europa e Ásia Central.

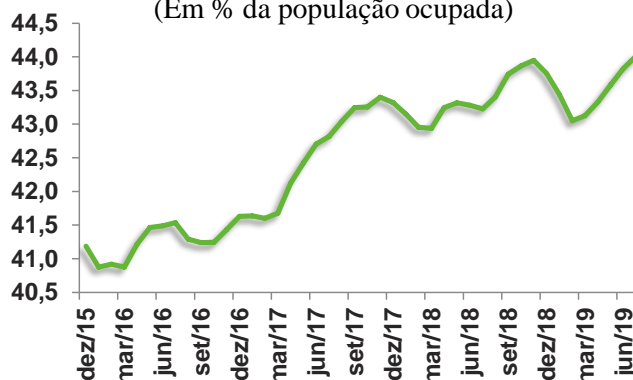
Entre os 10 países da América do Sul para quais há dados, o Brasil é o quarto com menor taxa de informalidade (46,0%), com vizinhança de Argentina (47,2%) e Chile (40,5%) no *ranking*. A maior taxa de informalidade foi observada na Bolívia (83,1%) e a menor no Uruguai (24,5%). Importante destacar que os dados do relatório referem-se ao ano de 2016 e as taxas foram calculadas com metodologia diferente das apresentadas no início do presente artigo.

Portanto, a informalidade não é um fenômeno exclusivamente brasileiro e atinge países de todo o mundo. Entretanto, os estudos da OCDE e da OIT mostram que há uma forte correlação entre o nível de desenvolvimento dos países e taxas de informalidade, ou seja, países mais ricos possuem menos trabalhadores no mercado informal.

O Brasil ainda se recupera lentamente de uma forte crise e há uma agenda extensa de medidas a serem encaminhadas para colocar o País no caminho do desenvolvimento. Melhorias no ambiente de negócios e institucionais conduzirão à maior formalização do País. No momento, a tendência é que a informalidade continue ocupando parcela considerável da economia e dos empregos.

Taxa de informalidade da mão de obra – Brasil

(Em % da população ocupada)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Taxa de informalidade da mão de obra em países da América do Sul – 2016

(Em % da população ocupada)

País	%	País	%
Bolívia	83,1	Argentina	47,2
Paraguai	70,6	Brasil	46,0
Peru	69,2	Chile	40,5
Colômbia	60,6	Venezuela	39,7
Equador	59,0	Uruguai	24,5

Fonte: OCDE. OIT.

A atividade industrial gaúcha iniciou segundo semestre em queda

A atividade industrial gaúcha em 2019 é marcada pelo desempenho desigual entre os setores.

Segundo a pesquisa Indicadores Industriais do RS de julho, realizada pela FIERGS, a esperada retomada do setor ainda não aconteceu. O Índice de Desempenho Industrial do RS (IDI/RS) recuou 1,0% entre junho e julho, na série com ajuste sazonal.

O índice apontou retração também na média móvel trimestral (três meses encerrados nesse mês em relação aos três encerrados em junho): -0,6%. Nessa base, menos volátil que a mensal, ele está 1,1% abaixo do pico mais recente (agosto de 2018).

Os seis componentes do IDI/RS evoluíram de forma distinta entre junho e julho, feito o ajuste sazonal. Em direções opostas, o faturamento (+8,4%) e as compras industriais (-5,7%) seguem marcados por grande volatilidade. A utilização da capacidade instalada (UCI) aumentou 1,0 p.p., para 82,9%, as horas trabalhadas na produção ficaram estáveis, e o emprego e a massa salarial caíram 0,2% e 0,3%, respectivamente.

Em relação ao mesmo mês do ano anterior, o IDI/RS caiu 0,8% em julho após ter caído 3,2% em junho, quando interrompeu de 12 meses seguidos de alta. Com isso, a taxa acumulada em 2019, relativamente a igual período de 2018, continuou positiva, mas foi a menor dos últimos três meses: +2,1% em julho ante +2,7% em junho e +3,9% em maio.

Na abertura por componentes, a variação acumulada em 2019 mais significativa foi observada no faturamento real (+6,0%). As compras industriais (+2,9%), a UCI (+1,6 p.p.), as horas trabalhadas na produção (+0,4%) e o emprego (+0,4%) também mostraram crescimento, enquanto a massa salarial real (-1,0%) caiu.

A atividade industrial gaúcha em 2019 é marcada pelo desempenho desigual entre os setores. O de Veículos automotores (+16,2%) responde por todo avanço da indústria, com destaques também para Tabaco (+5,0%) e Couros e calçados (+2,7%). Por outro lado, são apuradas quedas importantes em Vestuário e acessórios (-10,4%), em Têxteis (-6,8%) e na Metalurgia (-3,7%). Há ainda uma grande parcela próxima da estabilidade: Produtos de Metal (-0,9%), Alimentos (-0,3%), Máquinas e equipamentos (-0,3%), Bebidas (-0,7%), Móveis (+0,2%) e Químicos e derivados de petróleo (+0,8%).

Os Indicadores Industriais de julho mostraram que a atividade do setor ainda não deu sinais de reação e segue, em meio à volatilidade, estagnada desde o segundo semestre de 2018. É um quadro explicado, sobretudo, pelo baixo nível de demanda, causado, por sua vez, pelo elevado desemprego, pelo ajuste fiscal e pela restrição da demanda externa, principalmente, pela crise Argentina.

Nesse sentido, a recuperação da atividade permanece como uma expectativa. A menor incerteza (com os avanços da Reforma da Previdência), as taxas de juros em níveis historicamente baixos, com inflação controlada, e o menor endividamento das famílias devem fornecer algum impulso à demanda interna.

Indicadores Industriais do Rio Grande do Sul

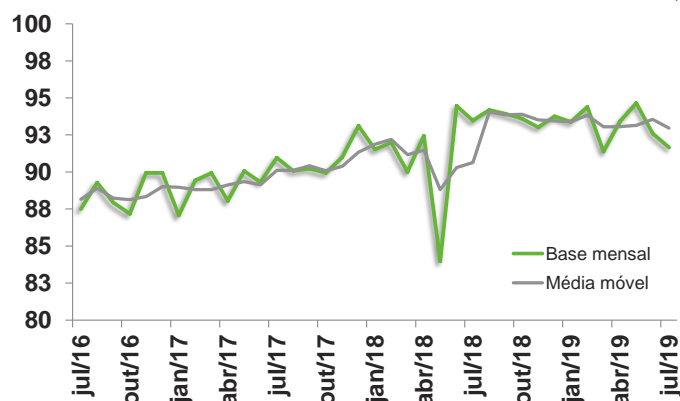
(Variações em % – julho de 2019)

	Variação %		
	Mês*	Mês ano anterior	Ac. ano
Índice de desempenho industrial	-1,0	-0,8	2,1
Faturamento real	8,4	1,6	6,0
Horas Trabalhadas na produção	0,1	0,6	0,4
Emprego	-0,2	0,3	0,4
Massa salarial real	-0,3	0,2	-1,0
UCI (em p.p.)	1,0	2,0	1,6
Compras Industriais	-5,7	-9,2	2,9

* Dessazonalizado

Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS)

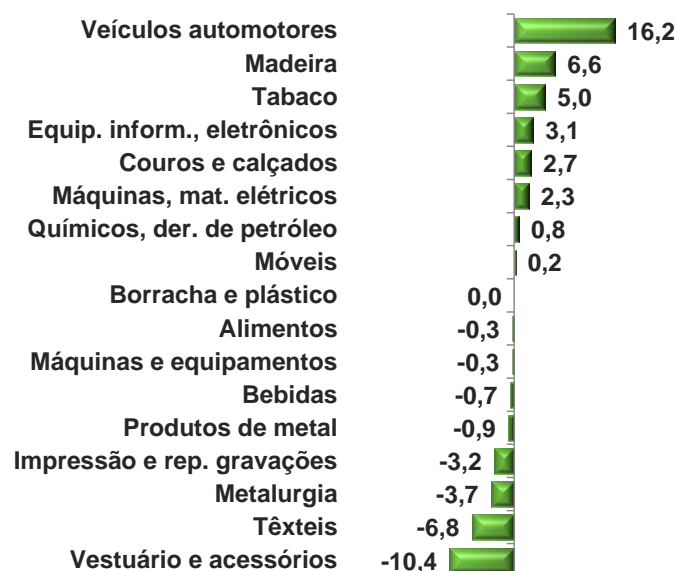
(Índice base fixa mensal:2006=100 e Média móvel trimestral)



Séries dessazonalizadas

Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS – Setorial

(Variação janeiro-julho 2019/18 – %)



Fonte: UEE/FIERGS.